

Versão Online ISBN 978-85-8015-053-7
Cadernos PDE

VOLUME I

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
Produção Didático-Pedagógica

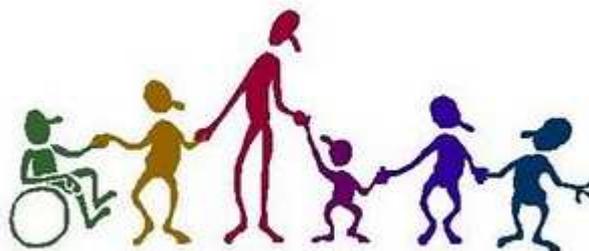
2009

**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA**

ROSANA HENRIQUES PINTO SELVATICI – PROF.PDE/2009

CADERNO PEDAGÓGICO

**CONSTRUINDO MATERIAIS E RECONSTRUINDO CONCEITOS E
VALORES NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**



**LONDRINA
2010**

ROSANA HENRIQUES PINTO SELVATICI

**CONSTRUINDO MATERIAIS E RECONSTRUINDO CONCEITOS E
VALORES NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

Produção Didático-Pedagógica apresentado ao Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE sob orientação da Dr^a Simone Moreira de Moura professora do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina/UEL.

TODOS SOMOS UM!

“Quando olhamos por alto as pessoas, ressaltam suas diferenças: negros e brancos, homens e mulheres, seres agressivos e passivos, intelectuais e emocionais, radicais e reacionários. Mas à medida que compreendemos os demais, as diferenças desaparecem e, em lugar, surge a unicidade humana: as mesmas necessidades, os mesmos temores, as mesmas lutas e desejos.

Todos somos um!”

Joice em Finnegan's Wake

APRESENTAÇÃO

PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL PDE CAMINHOS NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Prof.^ª Dr.^ª Simone Moreira de Moura¹

Não há possibilidade de pensarmos o amanhã, mais próximo ou mais remoto, sem que nos achemos em processo permanente de “emersão” do hoje, “molhados” do tempo que vivemos, tocados por seus desafios, instigados por seus problemas, inseguros ante a insensatez que anuncia desastres, tomados de justa raiva em face das injustiças profundas que expressam, em níveis que causam assombro, a capacidade de transgressão da ética (Paulo Freire, 2000:117).

Louvável a iniciativa de parceria entre o Poder Público e as Instituições de Ensino Superior na formação continuada de professores da educação básica, especialmente na área de Educação Especial.

No lugar de professora/orientadora e reconhecendo os professores/alunos como produtores de conhecimento sobre o processo ensino-aprendizagem, busquei neste percurso proporcionar subsídios teórico-metodológicos para o desenvolvimento de seus projetos e produção deste Caderno, que ora se apresenta.

Importante salientar a dedicação, compromisso e autonomia exercida pelas orientandas, que buscaram superar sua menoridade, falando com sua própria boca e pensando com suas cabeças. Kant já nos convidava a deixar a tutela dos outros e a ousar a saber.

Certamente, essas produções, fruto de trabalho árduo por parte das professoras/alunas, trará contribuições importantes não somente para os espaços onde atuam, mas principalmente na mudança propiciada pelo caminho trilhado que sempre permite modificações.

Finalizando, espero que essa fecunda parceria continue espargindo sementes de esperanças e inquietações e que esse seja apenas o começo.

Boa leitura a todos!

¹ Professora do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina.

SUMÁRIO

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO.....	6
INTRODUÇÃO.....	7
1. ADAPTAÇÃO DE MATERIAIS PEDAGÓGICOS NO ENSINO DAS DISCIPLINAS: uma questão pedagógica.	
1.1 Conhecendo a deficiência e possíveis comprometimentos.....	8
1.2 Conhecendo e adaptando materiais.....	9
ESTRATÉGIAS.....	17
REFERÊNCIAS.....	18

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Professor PDE: Rosana Henriques Pinto Selvatici

Área: Educação Especial

NRE: Londrina

Professor Orientador IES: Dr^a Simone Moreira de Moura

IES vinculada: Universidade Estadual de Londrina/UEL

Escola de Implementação: C.E. Nilo Peçanha – Ensino Fundamental e Médio.

Público objeto de intervenção: Professores do ensino regular, professores da educação especial e demais profissionais interessados no tema.

INTRODUÇÃO

Este Caderno Pedagógico tem como objetivo partilhar com os professores da rede regular de ensino, os princípios da elaboração e adaptação dos materiais pedagógicos no atendimento de alunos com necessidades educacionais especiais, deficiência física/neuromotora e possíveis dificuldades de aprendizagem. Com isso, provocar reflexões e a construção de possibilidades de estratégias para sustentação pedagógica de uma escola de qualidade para TODOS.

A dificuldade do professor regente em conceber o aluno com necessidades educacionais especiais não como um problema, mas sim como um sujeito que requer um atendimento especializado; pode traduzir-se em barreiras atitudinais frente à inclusão deste no ensino regular.

Esta consideração nos leva a pensar na não visualização de novas estratégias, por parte do professor, no ensino das disciplinas e a não oportunização de sua inserção no processo de aprendizagem do aluno.

Nesta direção, vale ressaltar que a escola tem seu papel social e deve ser co-responsável pelos seus integrantes que nela passam, inserindo-os como cidadãos autônomos e conscientes, além da responsabilidade pela democratização do acesso aos conteúdos culturais historicamente construídos, portanto deve atender a todos sem exceção.

O trabalho do professor de apoio em sala de aula ou itinerante, além de sua atuação no contexto de sala, torna-se relevante quando promove ações pedagógicas baseadas na interação professor e aluno com necessidades educacionais especiais motivando o educador a entender as diferenças individuais e a buscar adequações aos diferentes ritmos de aprendizagem.

A elaboração de materiais adaptados para atender o aluno com deficiência física/neuromotora e às possíveis dificuldades de aprendizagem decorrentes, envolve um repensar do fazer pedagógico, que juntamente com o professor de apoio permanente ou itinerante, deve ser contemplado.

A adaptação de materiais e a criação de novas alternativas didático-pedagógicas oportunizam, ao professor, revisão da sua metodologia de ensino. Esse processo envolve não somente o cognitivo, mas o emocional e afetivo redimensionando as interações sociais (professores, alunos com necessidade educacionais especiais e alunos da sala) no contexto escolar.

1. Adaptação de Materiais Pedagógicos no Ensino das Disciplinas: uma questão pedagógica.

1.1 Conhecendo a deficiência e possíveis comprometimentos.



Os trabalhos iniciais a serem desenvolvidos com os professores, têm como objetivo a sensibilização através de vídeos, dinâmicas e leituras sobre a deficiência física/neuromotora por considerar que seja a barreira inicial a ser vencida, conforme relatos de colegas e situações por mim vivenciadas. Portanto, trazer o possível impedimento de contato entre o professor e o aluno com deficiência para o foco da reflexão trará discussões sobre os novos referenciais para a inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais. Conhecer as condições físicas dos indivíduos e suas potencialidades são importantes para que não transformemos a deficiência em uma incapacidade. Não somente a condição física (alteração da estrutura e função do corpo biológico) podem impedir ou restringir a vida social e funcional do indivíduo, mas os aspectos psicológicos, educacionais e sociais também determinam possibilidades de impedimento no desenvolvimento de habilidades e de inclusão do aluno com deficiência.

[...] é necessário que os professores conheçam a diversidade e a complexidade dos diferentes tipos de deficiência física, para definir estratégias de ensino que desenvolvam o potencial do aluno. De acordo com a limitação física apresentada é necessário utilizar recursos didáticos e equipamentos especiais para a educação buscando viabilizar a participação do aluno nas situações práticas vivenciadas no cotidiano escolar, para que o mesmo, com autonomia, possa otimizar suas potencialidades e transformar o ambiente em busca de uma melhor qualidade de vida. (BRASIL, 2006, p. 29)

Bersch e Machado (2007, p. 21) afirmam que atitudes como a adequação do ambiente suprindo suas necessidades básicas, eliminando barreiras de aprendizagem e provendo os meios de acessibilidade, o aluno pode ter uma deficiência sem sentir-se deficiente e não necessariamente seja incapaz; a incapacidade poderá ser minimizada quando o meio lhe possibilitar acessos. Na deficiência física encontramos uma diversidade de tipos e graus de comprometimento que requer um estudo sobre as necessidades específicas de cada pessoa. Nem todas, que apresentam alguma dificuldade de acesso, necessitam de adaptação.



1.2 Conhecendo e Adaptando Materiais.

A partir da demanda apresentada pelos professores, selecionaremos materiais que os auxiliem na mudança de atitudes, frente às dificuldades apresentadas por seus alunos. Neste sentido, trabalharemos as adaptações de pequeno porte (baixa tecnologia).

As adaptações de pequeno porte, são assim definidas por encontrar-se no âmbito de responsabilidade e de ação exclusivos do professor, não exigindo autorização, nem dependendo de ação de qualquer outra instância. (Adaptações Curriculares, Brasília/MEC/SEF/SEESP, 1999)

A opção por trabalhar com adaptações de pequeno porte foi feita pela facilidade de acesso, pois podemos utilizar materiais que encontramos na própria escola como cartolina,

papel, cola, papelão, embalagens e matérias recicláveis, além do baixo custo. Na necessidade de algum material mais elaborado e resistente, também poderá ser adquirido ou até elaborado pela própria escola.

Góes (mimeo) define o material pedagógico adaptado como ferramenta e não como fim, e que propicia a interação, convivência, autonomia e independência nas ações; aprendizado de conceitos, melhoria de autoestima e afetividade.

A implementação do material pedagógico adaptado requer modificações tanto em relação ao aspecto físico, como também metodológico que favoreçam a aprendizagem. As intervenções correspondem a uma adequação postural com utilização de equipamentos que favoreçam a comunicação, textos escritos complementados por material em outras linguagens e sistemas de comunicação, além da criação de condições físicas, ambientais e materiais para o aluno no espaço escolar.

A construção de recursos pedagógicos, segundo Góes, necessita de representação da ideia, que seria a definição de materiais, as dimensões do objeto, formas, medidas, peso, textura e cor, devendo-se construir o objeto para experimentação e usá-lo em situação real, seguido de avaliação, no sentido de saber se atende os objetivos e por fim, acompanhar o uso para verificação da necessidade de uma nova adaptação. As adaptações devem respeitar a deficiência de cada um adequando os tipos de materiais a serem manuseados.



TANGRAM IMANTADO : Adaptação Marilaine Bonaldo e Mônica Gerdullo
Fonte: Laboratório de Educação Especial "Prof. Ernani Vidon, UNESP, Marília, SP.

A Tecnologia Assistiva, segundo Bersch (2006, p. 2),

deve ser entendida como um auxílio que promoverá a ampliação de uma habilidade funcional deficitária ou possibilitará a realização da função desejada e que se encontra impedida por circunstância de deficiência.

Bersch (2006, p. 31) define que:

Fazer Tecnologia Assistiva (TA) na escola é buscar, com criatividade, uma alternativa para que o aluno realize o que deseja ou precisa. É encontrar uma estratégia para que ele possa fazer de outro jeito. É valorizar o seu jeito de fazer e aumentar suas capacidades de ação e interação a partir de suas habilidades. É conhecer e criar novas alternativas para a comunicação, escrita, mobilidade, leitura, brincadeiras, artes, utilização de materiais escolares e pedagógicos, exploração e produção de temas através do computador, etc. É envolver o aluno ativamente, desafiando-se a experimentar e conhecer, permitindo que construa individual e coletivamente novos conhecimentos. É retirar do aluno o papel de espectador e atribuir-lhe a função de ator.



MULTIPLICAÇÃO EM PIZZA: Criação Regina Lazara Salim Moraes Bernardo
Fonte: Laboratório de Educação Especial “Prof. Ernani Vidon, UNESP, Marília, SP.

O ambiente tanto quanto os recursos, devem minimizar as limitações funcionais, motoras e sensoriais do indivíduo e potencializar suas habilidades; sendo que o ramo da ciência que pesquisa, desenvolve e aplica instrumentos, recursos, aparelhos ou

procedimentos, que ampliam ou restauram a funcionalidade denomina-se Tecnologia Assistiva.

No Brasil, a Tecnologia Assistiva adquire novas denominações: Equipamentos Adaptados, Recursos Tecnológicos Adaptados, Atividade Motora Adaptada e mais recentemente Ajudas Técnicas.

Muitos são os questionamentos do professor com relação à interação com o aluno com deficiência, desde o como avaliar até a autonomia em procedimentos básicos do dia-a-dia deste aluno. A Tecnologia Assistiva significa, portanto, *resolução de problemas funcionais*, considera Bersch (2007, p. 32).

Para isso, devemos conhecer o aluno e suas necessidades dentro do contexto escolar, incluindo seu professor, seus colegas, os desafios curriculares e as tarefas exigidas no âmbito coletivo da sala de aula, para podermos estabelecer metas e definir objetivos a serem alcançados.

A partir do conhecimento das necessidades e habilidades do aluno e tendo objetivos claros a atingir, o caminho é pesquisar sobre os recursos disponíveis para aquisição e/ou desenvolver um recurso personalizado que atenda aos objetivos.



QUADRO AGARRADINHO: Adaptação Miralva Santos Barreto e Maria Carmen Fidalgo Santos
Fonte: Centro de Reabilitação e Prevenção de Deficiência, Obras Sociais Irmã Dulce, Salvador, Bahia.

O aluno precisará de um tempo para experimentar, aprender e ele mesmo definir se o resultado vai ao encontro de suas expectativas e necessidades. O resultado sendo eficaz, o mesmo incorporará à sua rotina escolar e/ou em outros espaços. Modificações podem ser necessárias, assim que novos desafios funcionais surgirem.

Os obstáculos e as dificuldades que encontramos no cotidiano escolar não devem ser motivo de exclusão dos alunos com comprometimento físico. Na Resolução 02/2001 em seu Art. 18 aponta algumas competências necessárias ao professor:

- perceber as necessidades educacionais especiais dos alunos;
- flexibilizar a ação pedagógica nas diferentes áreas de conhecimento;
- avaliar, continuamente, a eficácia do processo educativo;
- atuar em equipe, inclusive com professores especializados em educação especial.

Será exposto, aos professores, as áreas em que estes materiais adaptados poderão ser implementados na promoção do acesso ao currículo, nos objetivos de ensino, no conteúdo ensinado, no processo de avaliação e temporalidade. Sem ignorar as necessidades individuais, existem algumas características que são comuns à deficiência física/neuromotora, conforme Góes (mimeo) nos cita:

peças ampliadas permitem melhor manuseio, espessura aumentada facilita preensão, contraste visual (preto e amarelo/ vermelho com marrom, azul sobre o branco), peças com imã facilitam a fixação e movimentação dos objetos, peças grandes e leves facilitam a coordenação bimanual, peças leves não são recomendadas para alunos com paralisia cerebral do tipo atetóide, imã facilita o manuseio de alunos com paralisia cerebral do tipo espástica, materiais plastificados aumentam vida útil do recurso e permite a higiene decorrente da sialorréia, testar o material antes de adaptar todo o seu conjunto e ângulo de 45° facilita a visão e ajuda no posicionamento.

Serão destacadas, também, algumas consequências de lesões cerebrais em crianças que às vezes apresentam dificuldades nas funções perceptivas, tais como discriminar cor, forma, número, tamanho, natureza e semelhança de objetos. Neste caso, deve-se acrescentar objetivo(s) para esse aluno em particular, com o(s) correspondente(s) conteúdo(s) de estimulação psicomotora.



SEPARADOR PARA MATERIAL DOURADO: Criação Satiko Shimojo
Fonte: Laboratório de Educação Especial “Prof. Ernani Vidon”, UNESP, Marília, SP.

Alunos que apresentem dificuldades de apreensão de conceitos podem ser auxiliados nesse processo se o professor planejar o ensino organizando objetos em categorias, enfatizando os aspectos e/ou itens relevantes em um contexto, privilegiando experiências concretas antes de proceder ao estágio abstrato do trato dos símbolos numéricos, por exemplo.

Auxílios sinestésicos, tais como números para recortar, ou de lixa, que podem ser percebidos pelo tato, podem também ser bons auxiliares do ensino. Pode-se usar cores para destacar palavras, frases em textos. Nas atividades de leitura, recomenda-se que seja estimulada e respeitada as adequações que se fazem necessárias, como a ampliação da letra do texto, por exemplo. A leitura silenciosa, pode se tornar fonte de prazer, estímulo do pensamento criador e via de acesso a ilimitadas oportunidades de experiência pessoal para alunos com grandes dificuldades motoras de comunicação.



CARTÕES DE COMUNICAÇÃO

Fonte: Formação Continuada a Distância de Professores para o Atendimento Educacional Especializado
Deficiência Física, SEESP/SEED/MEC, Brasília, DF., 2006

O aluno que tem grandes dificuldades de desenvolver uma comunicação oral funcional pode ser bastante beneficiado por formas alternativas de comunicação social, tais como: por escrito, através do uso de quadros de conversação (cadernos de signos, livros de comunicação, os quais são cadernos ou livros que contêm figuras correspondentes a substantivos, adjetivos, verbos, advérbios mais comumente utilizados na linguagem coloquial do cotidiano), através do uso de caixas de palavras com figuras, de máquinas de escrever, de computador. (SEED, 2004)

De acordo com as necessidades apresentadas pelos professores, no ensino das disciplinas, será oportunizado a criação de materiais pedagógicos com o objetivo de perceberem que a finalidade da educação é a mesma, ou seja, atender às necessidades e dificuldades de aprendizagem.

O Atendimento Educacional Especializado e a figura do professor especializado cumprem um importante papel quando atuam de forma colaborativa com o professor regente para definição de estratégias pedagógicas e disponibilização de recursos que favoreçam o acesso do aluno ao currículo comum, sua interação no grupo, participação em todos os projetos e atividades pedagógicas.

ESTRATÉGIAS

A implementação do Caderno Pedagógico na escola acontecerá através de encontros com professores do ensino regular, professores da educação especial e por profissionais que se interessem pelo tema.

1º Encontro: Apresentação do Projeto de Intervenção / Caderno Pedagógico que será exposto em tópicos, antecedendo dinâmica sobre a relação professor/aluno/aluno com deficiência e interferências no ensino em sala de aula.

2º Encontro: Conhecendo sobre deficiência física e suas implicações no processo de ensino.

3º Encontro: Filme: Sempre Amigos, com objetivo de levantar reflexões e discussão sobre inclusão do aluno com deficiência e o papel e responsabilidade da escola no momento atual para a democratização do ensino.

4º Encontro: Leitura: (Re) pensando uma educação para todos na Era das Relações – Educação Inclusiva, Maria Elisa Caputo Ferreira, Marly Guimarães. Rio de Janeiro e relatos de experiências inclusivas significativas.

5º Encontro: Reflexão sobre as formas organizativas do trabalho pedagógico propostas para a educação especial na atual política educacional brasileira, texto que tem como objetivo esclarecer ao professor participante sobre o trabalho pedagógico no atendimento ao aluno com necessidades educacionais especiais.

6º Encontro: Filme: Gabi, uma história verdadeira, que envolve a discussão sobre a aprendizagem do aluno com comprometimento físico e diferentes maneiras de comunicação. Conhecimento das estratégias para a educação de alunos com necessidades educacionais especiais, texto que trata sobre as diferentes adaptações de caráter facilitador do processo ensino-aprendizagem .

7º Encontro: Estudo sobre a teoria Histórico-Cultural, de Vygotski, para sustentação da busca de soluções para as necessidades específicas do aluno e viabilização do processo de ensino-aprendizagem, realçando sua capacidade, o potencial, a zona de desenvolvimento proximal e não focando as deficiências e limitações do aluno.

8º Encontro: Apresentação e pesquisa de materiais pedagógicos que podem ser adaptados conforme a necessidade do aluno em relação aos conteúdos a serem trabalhados em sala e outros recursos que valorizem sua capacidade e potencial.

REFERÊNCIAS

BERSCH, Rita. In: SCHIRMER, Carolina R. et al. **Atendimento Educacional Especializado - Deficiência Física**. São Paulo: MEC/SEESP, 2007.

_____ e MACHADO, Rosângela. **Atendimento Educacional Especializado para a Deficiência Física**. In: SCHIRMER, Carolina R. et al. **Atendimento Educacional Especializado - Deficiência Física**. São Paulo: MEC/SEESP, 2007

BRASIL: Ministério da Educação – Secretaria de Educação Especial. **Sala de Recursos Multifuncionais espaços para o Atendimento Educacional Especializado**. Brasília: MEC/SEESP, 2006.

_____ **Portal de ajudas técnicas para educação: equipamento e material pedagógico para educação, capacitação e recreação da pessoa com deficiência física: recursos pedagógicos adaptados** / Secretaria de Educação Especial – Brasília: MEC. SEESP, 2002, fascículo 1. 56p: il.

GÓES, Ricardo Schers de. **O Material Pedagógico Adaptado como Ferramenta e não como Fim: uma Reflexão a respeito da Inclusão de Pessoas com Deficiência Neuro-Motora**. Disponível em [http:// forum.ulbratorres.com.br/2008/.../PALESTRA%205%20-%20GOES.pdf](http://forum.ulbratorres.com.br/2008/.../PALESTRA%205%20-%20GOES.pdf) Acesso em 02/04/10.

PARANÁ. Secretaria de Estado de Educação. **Departamento de Educação Especial. Adaptações de Equipamento, Mobiliário e Materiais Pedagógicos para atender o aluno com comprometimento motor, matriculado no Ensino Regular**. Setembro/2004. Material Mimeografado.